

Stadium

N.º 81 ★ 21 DE JUNHO DE 1944



"DIA DO VOUGA"

Integrada nas festas do aniversário do S. Algés e Dafundo realizou-se o «Dia do Vouga» — provas de vela de uma modalidade que deve ao S. A. D. muito da sua expansão. As fotografias focam o vencedor (em cima) e uma bela viragem (fotos Nunes de Almeida)

Inauguração do ESTÁDIO NACIONAL

UM acontecimento do vulto da inauguração do Estádio Nacional não morre com as referências do dia imediato; ao contrário, projecta-se no tempo, em novas e desapercebidas cambiantes, mantem-se activo como assunto predominante nos comentários públicos, até que a recordação e o deslumbramento se desvanecem em saudade.

Espectáculo de grandiosidade única no nosso País, ultrapassou de muito os limites do meio desportivo para vincar a sua passagem como acontecimento de ordem nacional, que noutras circunstâncias de menos grave preocupação se reflectiria com certeza na atenção internacional.

Portugal possui, podemos afirmá-lo com orgulhosa e legítima segurança, desde o dia 10 de Junho — o Dia da Raça, para cuja mocidade saudável e destra ele se destina — um dos maiores e mais lindos estádios da Europa.

Se um dia nos couber essa honra — já podemos reclamá-la — possuímos instalação condigna para a celebração dos Jogos Olímpicos; e enquanto esse sonho se não pode realizar, porque não havemos de voltar a insistir, insistir até vencer, pela organização, já diversas vezes sugerida, dos primeiros Jogos Ibéricos?

A impressão geral colhida da festa de inauguração do Estádio é de assombro; aquele assombro que sufoca — e só tarde, quando os olhos deixaram de admirar e o pensamento recuperou a faculdade de raciocínio, se exterioriza em manifestações interpretativas de agrado.

Fala-se das três horas que duraram as cerimónias precedentes do jogo de futebol, como de um todo indissociável, onde os pormenores desapareceram esmagados pela magnitude do conjunto.

O panorama das enormes gradarias, negras de gente acumulada, vibrando de entusiasmo, em clamores que reboavam com ecos magisteriosos — diferentes, muito diferentes dos ecos habituais dos nossos campos desportivos —, não tornará a ser visto tão cedo; nunca tanta gente nossa se reuniu numa arena de desporto e, de entre tanta, há que admitir sem relutância que muitos espectadores ali não estavam por fervor desportista, mas apenas movidos pela curiosidade de um espectáculo inédito e único.

Quanto a desfecho terá conquistado a beleza das grandes paradas ginásticas e a emoção das competições desportivas! Porque, além de

tudo o mais, a inauguração do Estádio Nacional foi uma preciosa e inigualável jornada de propaganda.

Preguntem a alguém que lá tenha estado o que pensa das cerimónias inaugurais do Estádio, e a primeira impressão a exteriorizar-se será, sem dúvida: «Tudo foi lindo!» Verdade insofismável; mas, no entanto, se aprofundarmos a pesquisa das reminiscências, quantos momentos visuais afluem, impostos por especial sentido de encantamento, cada um a parecer o mais forte, para logo ser superado pelo imediatamente lembrado!

Recordem o cromatismo complexo, caleidoscópico na sua constante mobilidade, do desfile dos desportistas! Todas as cores, em todos os cambiantes e nas mais caprichosas combinações: o olhar, seduzido, não podia abandonar a miragem, que parecia suprema. E, no entanto, pouco depois, quando os guídes da Mocidade desceram simultaneamente pelas vinte e duas escadarias que separam os sectores da bancada, a sedução crê-se ainda, porque foi esse, incontestavelmente, o momento máximo da grande apoteose.

Muitos foram os organismos e as individualidades dirigentes que colaboraram na organização do festival; destas últimas, algumas foram postas em realce pela própria missão que tinham a desempenhar e puderam receber assim a justa referência de apreço ao seu esforço. Mas outras desenvolveram labor oculto, de cujos resultados não compartilharam directamente no aplauso do público e da crítica. Apreciando e admirando o êxito do festival, não poderá omitir-se o nome do coronel Viriato Rodrigues, a quem foi confiado o

cargo de director de campo e, com infatigável actividade, soube centralizar todos as participações dispersas, garantir unidade e coesão ao programa, aplanar dificuldades, que sempre surgem, como a tormenta, na proporção da nau.

Também se não deve esquecer que o êxito de grandiosidade e disciplina da parada representativa dos organismos desportivos foi preparado pelas diligências da Direcção Geral de Desportos, a cujo delegado na Comissão Organizadora, capitão António Cardoso, foi confiada a incumbência de promover e reunir todas as delegações — pesado encargo, complicado e vasto, que se resolveu da maneira que todos puderam admirar.

Cutra citação ainda, de muitas mais que com justiça caberiam no rol, para o capitão Gomes Marques, pela impecável segurança com que conseguiu organizar o serviço de transporte dos participantes, à primeira vista irregular, e que pôs a funcionar com a precisão de um bom relógio.

A fase culminante, sob ponto de vista de grandiosa emotiva, foi sem dúvida o momento que se seguiu à leitura da saudação ao presidente Carmona e a Salazar. As dezenas de milhares de pessoas reunidas no Estádio, espectadores e figurantes, vibraram em uníssono numa aclamação sentida, espontânea, completada pelo cantar expressivo das estrofas da Portuguesa, afirmado simbólico de fé nacionalista e entusiasmo patriótico.

No campo, os rapazes da Mocidade agitavam alegremente pequenas bandeiras verde-rubras, iguais a muitas outras que da bancada lhes respondiam ao aceno, enquanto a toda a volta do hemisfério se libertavam centenas de pombo-correio, aplaudindo também com o ruflar festivo das suas asas brancas e abraçando, na sua graciosa corda palpitante, aquela maior bandeira de Portugal que, no topo do mastro de honra, saudava com senhoris ondulações a juventude esperançosa, que afirmava ante os chefes a sua confiança no futuro da grei e da Nação.

SALAZAR CARREIRA

CURIOSIDADES

Um cavalo que vale uma fortuna

Embora com raridade, ainda chegam até nós notícias sensacionais sobre o movimento desportivo mundial.

Uma delas é a que a seguir forneceremos à curiosidade dos leitores. Trata-se da venda de um famoso cavalo de corridas, chamado «Pericles», que rendeu ao seu feliz possuidor a bonita quantia de 60 000 dólares — qualquer coisa como 1 500 000 \$00, que fariam ingovernavelmente a felicidade de muita gente. Porque se tornou famoso este cavalo?

Nem mais nem menos porque, recentemente, na última temporada de corridas de cavalos dos Estados Unidos, «Pericles» obteve a sua quarta grande vitória, em cinco anos, numa das mais importantes provas de Kentucky, e, realmente, uma prova de valor, que se dá em proporcão com a quantia que o milionário grego William Hellis ofereceu por este cavalo.

O novo possuidor de «Pericles» declarou nos jornais que o levará a Inglaterra, para o inscrever no próximo Derby de Epsom. É oportuno dizer que este cavalo tem antecedentes famosos, um dos quais «Galaah II», já vencedor do «Derby» inglês.

Uma fusão Valência-Levante?

Nas últimas semanas falava-se com certa insistência na fusão de dois clubes espanhóis — Valência e Levante. Afirmava-se — e não custa a acreditar que seja assim — que a proposta partira do Levante. A reatada do Valência seria de 150 000 pesetas e a do Levante 50 000.

Entre outras cláusulas, figurava que o Valência designaria um treinador único, que os dois clubes oficiais seriam jogados no campo de «Mestalla», reservando-se o de «Valencia» para as outras modalidades e treinos. A fusão, a dizer-se, somente surtiria efeitos na próxima temporada.

Não é só entre nós que as fusões preocupam os dirigentes dos clubes e a sua utilidade se reconhece.

Os melhores ciclistas espanhóis

Está feita a classificação para 1944 dos melhores corredores profissionais espanhóis de ciclismo. Segundo esse trabalho do Comité Nacional da União Velocípédica Espanhola, os ciclistas foram distribuídos por quatro categorias, como a seguir indicamos:

O leitor vai, certamente, encontrar nomes já conhecidos. São, veja: Primeira categoria — António Andrés Sainza, Julian Berrendo, D. Ivo Rodriguez e Fernán T. Uba. Segunda categoria — Antonio Martín. Terceira categoria — Antonio Destrieux, Juan Gomeno, José Lahz, Miguel Lombard, Vicente Miró, Fernando Mercia, Joaquim Olmos e Juan Plans. Quarta categoria — Cipriano Aguirre, Ibañeta, Ibañeta, Anarés Canal, Vicente Carretero, Miguel Casas, Manuel Costa, Diego Ibañeta, Federico Esquerro, José Gándara, Martín Manóndor, Miguel Salom, José Vidal e Félix Vidaurreta.

Joe Louis aprecia os adversários

O conhecido «boxeur» Joe Louis, que há poucas semanas se encontrava em Londres, afirmou que se exibir para distração dos soldados, fez alguma declaração acerca dos seus mais e famosos adversários e disse que o ex-nihilo Paulino Uzcudun lhe infligiu o mais duro golpe de tórax a sua carreira, quando do quarto assalto do combate que ambos travaram, em 1935, em Nova-Iorque; que Max Baer foi o mais duro adversário que tem enfrentado; que Schmeltz foi o único pugilista que o pôs fora do combate em 1931, em Nova-Iorque; que Jim Braddock, a quem arrebatou a fama de possuir a «divisão» mais trêmula, foi o adversário mais «fortunado»; que Hal Pastor foi o mais esguio; que Johnny P. York foi o mais débil; e que Billy Conn foi o mais completo de todos os adversários!

«STADIUM» custa quinze tostões e vende-se em toda a parte.

Está aberta a inscrição

para o Curso de Treinadores de Atletismo criado pela Direcção Geral de Desportos

Recebemos da D. G. D., a seguinte nota:

A Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, em colaboração técnica com a Federação Portuguesa de Atletismo, decidiu promover um curso de treinadores de atletismo, cuja direcção foi confiada ao sr. dr. Salazar Carreira, que escolheu para seu auxiliar o sr. Fernando Ferreira.

O curso terá a duração de quatro meses, com 14 horas de trabalho semanal, das quais 8 teóricas e 6 práticas.

Além do ensinamento da técnica e preparação propriamente dita para as diversas modalidades do atletismo, o curso compreenderá também noções elementares de anatomia, fisiologia, higiene, biomecânica, musculagem, ginástica aplicada ao atletismo, e acidentes desportivos e seu tratamento de urgência.

A inscrição dos candidatos à frequência do curso está desde já aberta na Direcção Geral de Desportos, nas seguintes condições:

- 1.º — Habilitação com o antigo curso geral dos liceus (1.º ano) ou equivalente.

- 2.º — Idade superior a 21 anos e inferior a 35 anos.
- 3.º — Certificado médico do Centro de Medicina Desportiva, obtido por intermédio da Direcção Geral.

- 4.º — Cadastro desportivo.

A inscrição encerra-se no dia 30 de Junho e os candidatos serão chamados nos primeiros dias do mês imediato a prestar as seguintes provas:

Prova de habilitação: ponto de redacção sobre assunto indicado.

Prova de aptidão física: a) correr 1000 metros; b) lançar o peso de 5 quilos a 8 metros; c) saltar 1 metro em altura; d) executar 3 exercícios ginásticos tirados a sorte de um esquema apresentado.

Os primeiros trofeus ganhos pelo Benfica

Nestas mesmas colunas, há poucas semanas, fizemos diversos comentários acerca de uma iniciativa do «Sport Lisboa e Benfica».

No artigo então publicado expusemos algumas dúvidas da nossa parte, quanto ao primeiro trofeu ganho pelo clube que dá nome ao referido semanário desportivo, e quanto à equipa que conquistou esse trofeu. O nosso prezado colega António Ribeiro dos Reis analisou o mesmo assunto no próprio semanário que tomou a iniciativa de homenagear os primeiros do Benfica. Ribeiro dos Reis ouviu sobre o caso alguns antigos jogadores do clube e pôde por isso esclarecer datas e constituição de equipas. Estes esclarecimentos interessam à história do futebol. Nestas condições, julgamos de nosso dever fazer-lhes pública referência. Acresce, todavia, que Ribeiro dos Reis alude a um erro em que incorrem, involuntariamente, na «História do Futebol» quando disse que o «Bronze Bernardino Costa» comemorava a primeira vitória do então Sport Lisboa, contra o Carcavelos Club.

O citado «bronze», segundo as informações agora reunidas pelo nosso camarada Ribeiro dos Reis, foi oferecido, por Bernardino Costa, para um jogo disputado pelo Sport Lisboa, contra o Carcavelos, em 19 de Fevereiro de 1911. Confirma-se portanto a nossa informação — de que o «team» indicado pelo «Sport Lisboa e Benfica» era o do campeão de 1910-1911. O Sport Lisboa venceu o Carcavelos, por 1-0. E este triunfo é o segundo na série de vitórias contra os mestres ingleses do Cabo Submarino.

Prova-se que o «Bronze Bernardino Costa» comemora o triunfo obtido em 1911, conclui-se que os primeiros prémios ganhos pelo Benfica são os que apontamos — os que conquistou em 24 de Março de 1907, nos torneios de segundas e terceiras categorias. Ribeiro dos Reis confirma que esses prémios de apareceram da sede que o Benfica teve no largo do Carmo. E indica a constituição das equipas: *Segunda categoria* — João C.valho Personil; Henrique Teixeira e José Neto; Luís Vieira, Cosme Damião e Marcelino Bragança; Felix Bermudez (capitão) Eduardo Corga, Leopoldo Mocho A. Meireles e Carlos França. *Terceira categoria* — João Matos; Luís Vieira e Artur Aires Martins; Carlos Cunha, Alberto Silva e António Costa; Jorge Rodrigues, Henrique Teixeira, Luís R. drizues (capitão), Carlos Monteiro e Avelino Fontes.

António Ribeiro dos Reis indica, como tendo feito parte da equipa que bateu o Carcavelos, em 10 de Fevereiro de 1907, por 2-1, o jogador António Costa, filho do doador do «Bronze Bernardino Costa». Trata-se, como salientamos no nosso artigo, da interpretação que apresentamos, na «História do Futebol», para o nome que figurava, na resenha de «Os Sports», como sendo M. Costa. Cosme Damião, conforme referimos na «Stadium», é de opinião que deve ter aliado Carlos França. António Costa era, então, muito novo. Pela constituição indicada por António Ribeiro dos Reis para as equipas de 1907, verifica-se que António Costa pertencia, nessa época, à terceira categoria. Subsiste, pois, a dúvida sobre quem seria M. Costa. Ficou sem esclarecimento, por enquanto.

Podíamos fechar aqui os nossos comentários. Seja-nos, porém, permitido analisar ainda a amplitude da iniciativa do «Sport Lisboa e Benfica» relativamente aos jogadores e que melhor representam os pioneiros do popular clube, para o efeito da homenagem em projecto. O facto de haverem desapparecido os primeiros trofeus ganhos pelo Benfica em provas de desporto, não quer dizer que não tenham sido conquistados e que não sejam realmente os primeiros. A homenagem não devia, pois, esquecer os jogadores de 1907. Mas se a ideia é, na verdade, prestar homenagem e testemunhar a gratidão da massa associativa do clube pelos jogadores que primeiro contribuíram para afirmar o valor do Benfica, será tanto mais justa e completa quanto maior for a sua projecção no passado.

O Ginásio Clube Português apresentou ao público as suas escolas de gymnastica

NUNCA, talvez, como este ano, foram tantos e tão significativos os espectáculos de gymnastica. A «Semana do Ginásio Clube Português», a «Campanha da Mocidade Portuguesa», a «Semana do Lisboa Ginásio», os saraus do Porto e de Santo Amaro de Oeiras, as provas finais do Clube Atlético de Campo de Ourique e outras organizações que certamente nos escapam à lembrança, mantiveram durante largo período uma actividade intensa, à qual a simpatia e o interesse do público corresponderam sempre de maneira significativa.

Conjugam-se assim dois factores de considerável importância: por um lado as consecutivas demonstrações práticas da expansão e aperfeiçoamento adquiridos em Lisboa pela cultura dos exercícios gymnásticos de educação física e de aplicação; por outra banda a confirmação insistente do apelo geral que será a melhor garantia para a eficiência no futuro dos actuais e passados esforços de propagação.

Encarando a situação sob este aspecto, devemos recolher com regozijo a organização, no Coliseu dos Recreios, do saraus anuais do Ginásio Clube Português. Independente de considerações metodológicas, o veterano instituto de educação física, senhor de um passado de glórias e de serviços que o impõem ao respeito de toda a gente, conserva o fôgo sagrado e sente, através de tão altas dificuldades que as situações lhe criam, o estímulo das suas tradições para prosseguir na vanguarda dos agentes da campanha que ele foi o primeiro a agitar.

A festa foi de gala para o Ginásio Clube, que viu o saraus dignificado pela presença do sr. Presidente da República, dos srs. Sub-Secretário da Educação Nacional, presidente da Câmara Municipal e Director Geral de Educação Física e Desportos; de gala também pela afluência compensadora do público e pelo carinho com que este acompanhou todo o programa apresentado.

O espectáculo teve a virtude apreciável de traduzir fielmente os métodos e aspectos de trabalho do clube; foi o reflexo fiel de uma actividade eclética, bem intencionada, com a qual é permitido discordar em determinado sentido — o que aliás se firma num direito universal — mas à qual se não pode negar persistência e convicção, franqueza e desassombro para tornar patentes os resultados e os meios de acção, que a toda a gente permitam formar opinião própria.

O saraus de quarta-feira, apresentado como síntese de aplicação, destinado ao gosto do grande público, sem profundezas de exigência metodológica, englobou todas as formas do ensino activo do Ginásio Clube; e sobre o apelo que estas mereceram aos milhares de espectadores, melhor respondem as suas manifestações e sentimentos durante o decorrer do programa.

Os números, desempenhados pela classe de senhoras, nomeadamente a dança do vira minhoto, apresentada a rigor, foram os que

maior agrado encontraram; também as classes infantis, os saltos da mesa alemã pelos rapazes, as demonstrações de jogo de pau e de esgrima de sabre e a classe masculina de gymnastica educativa passaram sucessivamente pelo Coliseu, numa parada de forças que durou até a uma hora da madrugada.

Citaremos, do conjunto, o número de aplicação gymnastica com paus, executado pela classe de adolescentes, com excelente marcação, e que nos parece conter todos os elementos necessários para uma feliz exhibição colectiva do ensino do jogo de pau, muito mais significativa quanto à profundidade de trabalho de uma classe do que o habitual assalto entre o mestre e um discípulo.

Também verificámos com satisfação ter havido o cuidado de simplificar os saltos infantis na mesa alemã, eliminando certos exageros incompatíveis com os recursos fisiológicos dos executantes — ainda ficou a queda facial invertida — e colocando junto do aparelho um ajudante para acutelar quaisquer percalços eventuais. O trabalho dos rapazes nada perdeu no acolhimento favorável de assistência e ganhou mais uns tantos aplausos que bem considerados, terão valor redobrado.

Além desta parte, que poderemos chamar, directa ou applicadamente, educativa, o programa incluía a apresentação completa dos cinco exercícios, de mãos livres e aparelhos, de gymnastica olímpica, na qual se exhibiram — salvo erro — os sete elementos seleccionados da equipa do clube.

A gymnastica olímpica, assim designada, conforme foi explicado pelo representante do conselho técnico, em virtude de ser, em todas as suas modalidades, desempenhada pelos mesmos gymnastas — dos quais require portanto maior soma de virtudes, desde a força à agilidade, desde a desembarração ao auto-domínio — é uma espécie de severíssimo exame de aptidões físicas gerais, tão severo que no programa olímpico occorrem quatro ou cinco jornadas.

Ora os rapazes do Ginásio Clube Português foram obrigados a executar, no curto espaço de duas horas — embora proporcionalmente reduzidos na intensidade — todos os trabalhos que os olímpicos distribuem por dias sucessivos. De aqui provém, com certeza, uma acumulação de fadiga que prejudica a correcção e poder de execução nos últimos exercícios do programa, dando à assistência ideia minorada da verdadeira capacidade dos executantes. Julgamos indispensável esta explicação, para colocar no seu devido aspecto certas deficiências que se acumularam nos exercícios na barra e que podiam ser de outra forma erradamente interpretadas.

Em organizações de tão grande amplitude, como um saraus que dura três horas, não devemos, porém, deixar-nos prender pelos pormenores; é a visão de conjunto que mais interessa e, em conformidade, a festa do Ginásio Clube Português correpondeu ao que dela se esperava e permitiu avaliar com se trabalha no mais antigo e tradicional dos nossos institutos de educação física.

O «team» que deu ao Sport Lisboa a primeira vitória contra os ingleses do Carcavelos conseguiu, para o clube, o seu primeiro grande triunfo — o de maior retumbância nos tempos que se seguiram à fundação. E a equipa que representou o Sport Lisboa na disputa do «Bronze» viuva Al-x ndre Sena, em 1908, é ainda mais histórica por ser a mais antiga de quantas foram ao Sport Lisboa e Benfica a recorrer para se apresentar como clube de primeiro plano. Se a homenagem tiver como ponto de partida a equipa de 1906, abrangerá 38 anos de actividade brilhante em torneios de futebol. Seria por certo a melhor para reunir também os vencedores da temporada recentemente finda — numa festa do passado e do presente, como incentivo para o futuro.

MÁRIO DE OLIVEIRA

ANO XII — Lisboa 21 de Junho de 1944 — II SÉRIE, N.º 81

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMÃO DE MATOSPropriedade de
SOCIÉDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA S. ANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

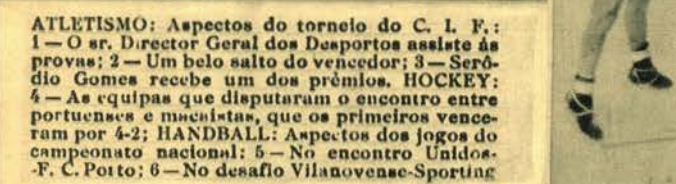
O último sarau do GIMNÁSIO CLUBE PORTUGUÊS



1 — A apresentação das classes que tomaram parte no sarau; 2 — Saltos em mesa alemã pela classe de homens; 3 — Exercícios de jogo de pau por adolescentes; 4 — Exibição em paralelas pelos componentes da classe de ginástica olímpica; 5 e 6 — Dois aspectos dos exercícios feitos pela classe de senhoras, com a beleza que lhe é peculiar.

(Fotos Nunes de Almeida)





UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfalataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.^a tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confecções de senhora em género «tailleur»! Note bem, nesta casa encontrará V. Ex.^a maior perfeição e não paga luxo.

CHAVES de todos os modelos

Perdeu-as? Partiram-se? Roube-ram-lhas? — mande fazer outras na

CASA DAS CHAVES
Amadeu Gomes da Fonseca

RUA DA MOURARIA, 3
(Frente ao Cinema) • Telef. 28050



O FESTIVAL DE CICLISMO NO DOMINGO

1 — A impressionante vitória ao «sprint» de Inácio sobre o veloz Lourenço; 2 — A equipa vencedora da «hora à americana»: Francisco Inácio e Júlio Mourão



CONHEÇA A SUA TERRA...



VIAJANDO NUMA
FLECHA
a bicicleta da actualidade

A ILUMINANTE

Avenida Almirante Reis, 6—Largo do Intendente, 11-17
TELEFONES: 46186/7 E 51146 LISBOA

Começou a disputar-se o

Concurso Hípico Internacional de Lisboa

COM grande assistência começaram, no sábado, as provas do 33.º Concurso Hípico de Lisboa, que, como nos anos anteriores, se disputam no Hipódromo do Jocky Club.

Para corroborar a importância portuguesa no concurso de Madrid, realizado há dias, veio a Portugal a representação do país vizinho, uma fortíssima equipa espanhola, composta, na sua quase totalidade, por oficiais que nos visitaram no ano anterior e que, no último concurso, obtiveram magníficas classificações.

Os cavaleiros espanhóis, admiravelmente preparados para provas deste género e apresentando sempre um lote de famosos cavalos, valorizam muitíssimo com a sua presença o Concurso Hípico de Lisboa, que a Sociedade Hípica superiormente organiza, tornando a competição mais animada.

A equipa, chefiada pelo tenente-coronel Letona, é composta pelos comandantes Angel Sola, Nogueiras Marquez e Bulnes e pelos capitães Marcelino Gavilan e Kirpatrick O'Donnell, nomes dos mais categorizados da cavalaria espanhola.

Antes de darmos um rápido comentário do que se passou nos dois primeiros dias de provas podemos assinalar, com prazer, o interesse que o nosso público está a demonstrar pelo Hipismo, dando-lhe assim o lugar que lhe por justiça deve ocupar, graças às tradições honrosas da cavalaria portuguesa, tantas e tantas vezes confirmadas em concursos realizados no estrangeiro — nomeadamente em Nice, Roma e Madrid — e até nos Jogos Olímpicos.

Já nas «poules» realizadas nesta época o aumento de público foi notório e animador e previa-se que ele surgisse em maior número no Concurso Internacional.

Assim aconteceu, de facto.

O primeiro dia

O programa do primeiro dia abriu com a prova «Irlandeses», reservada aos cavalos importados nos anos de 1913 e 1914.

Esta prova, com 10 obstáculos à altura máxima de 1 m 10 e feita a uma velocidade obrigatória de 300 metros por minuto, despertou justificado interesse, visto que nela se apresentavam em público, pela primeira vez, os cavalos recentemente adquiridos, alguns dos quais se afirmava possuírem magníficas qualidades. Assistiu o sr. Sub-Secretário de Estado da Guerra.

Dos dezito cavalos inscritos apenas faltou um, tendo três concluído o percurso sem falhas. No entanto, apesar de penalizados, devido a derrubas, alguns houve que nos agradaram francamente, apesar de não darem ainda, de maneira geral, o rendimento que se lhes prevê. Estão neste caso «Giza» e «Tete», montados por José Carvalhosa, «Zezere», por Correia Barreto, «Cuanhama» por Reimão Nogueira, e «Zuário», com o qual Henrique Calado obteve o 2.º lugar.

A prova foi ganha com brilho pelo tenente Miranda Dias, no «Ourique», ficando ainda Henrique Calado em 3.º, no «Vouga».

Também nos pareceu ser uma montada de categoria a égua «Complexity», que o capitão Helder Martins conduziu com muito cuidado.

Seguiu-se a prova «Ensaio», com 10 obstáculos à altura máxima de 1 m 20 reservada aos cavalos que não tivessem ainda ganho o total de duzentos escudos.

Talvez porque o percurso não fôsse difícil, houve mais de vinte concorrentes sem falhas. Isto ocasionou uma luta animada, visto que o factor tempo começou a interessar a partir do 2.º cavalo inscrito.

O triunfo coube a tenente Freire Damião, no irlandês «Outa», que entrou na pista de má vontade mas fez um percurso brilhante, apenas em 53 s. 2/5.

Este cavalo, que na primeira prova brilhou e não se classificou devido apenas a uma recusa, mostrou qualidades apreciáveis.

«Guadiana», com Lemos da Silveira, foi o 2.º da classificação geral, seguido de «Xapora» (outro irlandês) montado por Pimenta da Gama.

A prova «Ministério da Economia» reuniu 47 cavaleiros e devido ao adiantado da hora foi suspensa, por a visibilidade não ser já a suficiente.

O percurso estava cortado por três obstáculos, à altura máxima de 1 m 60, e apenas podiam concorrer cavalos nacionais.

Prova mais difícil do que as anteriores, foi rijamente disputada e a primeira parte terminou com «Bri so III», montado por Miranda Dias, à frente da classificação. O júri reservou que os cavalos do 1.º, 2.º e 4.º «handicap» concorressem no dia seguinte.

O segundo dia

Antes de se iniciar o programa relativo ao segundo dia de provas, disputou-se a parte final do que na véspera ficara por concluir.

Do 1.º «handicap», brilharam, em três percursos impositos, «Baril», «Jocosos» e «Unico», mas o vencedor foi «Namir», montado pelo capitão Pascoal Rodrigues único concorrente do 4.º «handicap», que realizou a prova em 1 m 26 s.

A prova «Secretariado do Propaganda Nacional» (Omniun) é sem dúvida das mais importantes do Concurso de Lisboa e das que despertam sempre grande interesse, por ser obrigatória a inscrição a todos os cavalos que tomem parte no concurso, com excepção das provas «Ensaio», «Diana» e «Juventude».

A deste ano reuniu perto de 150 cavalos e foi rijamente disputada por portugueses e espanhóis. Constituíam a prova 12 obstáculos à altura máxima de 1 m 60 e um deles (a barreira de Spa), por estar colocada em mau sítio, tornou-a tão difícil.

Os espanhóis, que se apresentaram também este ano muito bem montados, estiveram à frente da classificação durante muito tempo, com um percurso magnífico de «Nerval», montado pelo comandante Nogueiras, e a ovação foi estrondosa quando «Jocosos» (um belo cavalo nacional), conduzido por B.rr.s e Cunha, fez descer a bandeira espanhola do mastro de honra.

Precisá-difícil bater o magnífico tempo de «Jocosos». Mas, bastante mais tarde, o capitão Correia Barreto, sem dúvida dos mais brilhantes concursistas portugueses, conseguiu

ATLETISMO

O último galope antes dos campeonatos

O adiamento por uma semana dos campeonatos de estreates, deu tempo aos três clubes lisboetas que esta época tão activos se têm mostrado na preparação dos novos elementos, para promoverem o último ensaio antes das provas de exame.

Esta insinuação, que alguns centros de preparação já dura há bastantes meses, vai certamente reflectir-se em melhoria nos resultados dos próximos campeonatos e, de modo mais geral, no desenvolvimento progressivo da época e no acréscimo de concorrência às suas sucessivas competições.

A palma das organizações de domingo passado coube ao Clube Internacional de Futebol, que promoveu, no seu campo do Estrela, com a presença dos srs. Director Geral de Desportos, Presidente da Câmara Municipal, eng.º Nobre Guedes, etc., um pentatlo reservado aos seus atletas de todas as categorias.

As principais classificações foram as seguintes: 60 m.: Luis Nobre Guedes (estreatante), 7.2 s.; 1000 m.: Fernando Soares (senior), 2 m. 42.4 s.; S. altura: Manuel Salta (junior) e Seródio Gomes (estreatante), 1 m. 65 s.; Comprimento: Henrique Costa (senior), 6 m. 30 s.; L. de peso: Pinto Basto (junior) 13 m. 71.

Na classificação geral venceu João Seródio Gomes com 3188 pontos, precedendo Manuel Salta, com 3029 pontos.

O Sporting e o Benfica preferiram pôr em

BARREIRA DE SOL

CAMPO PEQUENO, 18 DE JUNHO

TOUROS com o ferro Palha Blanco, de fraca apresentação, mansos na generalidade e alguns ágeis com intenções francamente «reservadas».

Simão da Veiga, muito bem montado, não soube ou não quis tirar partido do seu primeiro, um dos poucos que ofereceram possibilidades de lide. Limitou-se a cravar ferragem à meia-volta, sem luzimento.

Rafaelito, toureiro castigado pelos touros, teve de se defrontar com o pior lote da tarde, nada podendo fazer com capote e muleta que nos recordasse os êxitos logrados em praças de Espanha, em competência com as primeiras figuras.

Firmin Rivera, o simpático toureiro mexicano, apagado na primeira parte, procurou desquitarse no seu segundo, um manso sem muitas intenções, colocando dois pares de bandarilhas e ministrando-lhe em várias tempos uma faena de muleta desligada, mas em que logrou intercalar passes de muito boa mar a.

Carlos Arruza confirmou os seus créditos de toureiro feito e de formidável bandarilheiro. Inexcedível de domínio e perfeição de forma colocou no seu segundo touro quatro pares magistrais! Com a muleta deu-nos duas «faenas» diferentes mas ambas de toureiro iniciado e dominador. Mais vistosa e repousada a do último touro, mais séria e valente a do quarto, «de pitón a pitón», mas cerca e sem perder a cara ao inimigo, até lograr domind-lo.

J. E.

ROQUE PINTO, L. DA

IMPORTADORES DE TABACOS
E PAPEIS DE FUMAR

R. do Amparo, 94, 1.º Telef. 2 8561

LISBOA

colocar-se à frente da classificação geral com um impressionante percurso de «Raso».

Estava feito o vencedor. O seu tempo — 1 m 0 s. 35 — já não seria batido.

Os restantes concorrentes lançaram-se em louca carreira — mas os derrubas foram frequentes.

Só a isso se atribui que os espanhóis apenas tivessem melido em prêmio três dos seus cavalos.

ANTAS TEIXEIRA

actividade apenas os futuros e-treantes, em derrad-iro certame de apuramento.

Os jovens «leões» afluíram. Como é costume, em grande número, e alcançaram as marcas que vos indicamos:

80 m.: J. rge Machado, 9.2 s.; Helder Sá, 9.3 s.; 250 m.: Artur Dias, 31 s.; Paulo Henriques, 32.4 s.; 700 m.: Joaquim Campos 1 m. 51.2 s.; Joaquim Gaspar 1 m. 54.9 s.; 2000 m.: J. Ferreira da Silva 6 m. 25.6 s.; Manuel Valente, 6 m. 26.2 s.; Altura: Cé ar Cunha e Américo Fluzza, 1 m. 59; Comprimento: Joaquim Silveira e Américo Fluzza, 5.80; Dardo (600 gr.): Jorge Carvalho, 40 m. 30; Helder Sá, 39 m. 35.

Os melhores entre os atletas benfiquistas foram:

60 m.: António Correia, 7.2 s.; A. Camacho 7.3 s.; 250 m.: Adriano Castro 33.1 s.; Miguel Andrade, 33.1 s.; 700 m.: José Pires 2 m. 7.5 s.; João Moreira, mesmo tempo; 2000 m.: Manuel Gomes 6 m. 24.7 s.; Altura: Queiroz Vieira, 1 m. 65; Comprimento: Fernando Ajos 6 m. 06; e Peso: W. Montalvão 11 m. 90; J. lio Montalvão, 11 m. 67.

Se levamos em conta que tanto a um como outro clube faltaram alguns dos elementos que melhor têm provado em anteriores concursos, fica-se com a certeza de que ambos se encontram devidamente «petrechados» para o torneio inaugural de domingo próximo.

Os 29 anos do Sport Algés e Dafundo

PASSOU anteontem mais um aniversário do Sport Algés e Dafundo — o vigésimo nono. O grande baluarte de natação está em festa, como em festa está o desporto nacional.

O prestígio do Algés como clube de natação vem desde os primeiros tempos, dos «tempos-heróicos» das provas de mar, nomeadamente das célebres «Travessias do Tejo». Bessone Ba-to, Manuel Moniz, João Norton, João Holbeche, Carlos Sobral, Basílio, Raul Cordeiro, e D. Marçaria Pala levaram logo, o Algés e Dafundo por intermédio das suas vitórias, ao primeiro plano das agremiações portuguesas da especialidade.

A vida do Algés, no transcurso de vinte e nove anos verdadeiramente gloriosos é exemplo de marcha firme e assente nas mais sólidas bases, na «estrada do progresso». Quem conhece a sua história e tenha acompanhado a par e passo a sua evolução, quem, de perto, tenha assistido ao desenvolvimento progressivo que a actividade apresenta de ano para ano, não pode deixar de a admirar, se não como caso único, pelo menos como pouco vulgar. É que o Algés e Dafundo apresenta triplice aspecto, realmente pouco comum em agremiações nacionais: instalações únicas no seu género — o melhor Estádio Náutico, da Península, grande quantidade de praticantes da melhor qualidade.

O seu Estádio Náutico, um dos maiores, talvez o maior motivo de orgulho do S. A. D., é uma obra que, além de tudo o mais, honra o País.

Quanto a numero de praticantes, a frequência às escolas do Algés aumenta de ano para ano e da sua piscina têm saído milhares de pessoas a saber nadar. No respeitante a qualidade de nadadores, pode afirmar-se que nos últimos quinze anos, «salvo raras excepções», os grandes campeões têm corrido em representação do Sport Algés e Dafundo: Azuñhais, Sacadura, Patrone, Cardoso, Bessone junior, Silvina Vieira Alves, Vasco Carrelhas, Maria Gaurinho, Eduardo Manaças, Vasconcelos, Oscar, Afonso Gonçalves, Fernando Leal e tantos mais.

Outro aspecto que merece igualmente registo: o esforço desenvolvido pelo Algés a fim de trazer até nós equipas estrangeiras de categoria. Primeiro, os espanhóis — quando para nós, tecnicamente, tinham interesse. Mais tarde em 1938 e 1939, os alemães e os húngaros, respectivamente.

Admirámos, então, em jornadas inesquecíveis, nadadores de fama mundial, como Fischer e Csik.

Alargando a sua esfera de acção a outras modalidades, o Algés e Dafundo desenvolve, hoje, enorme e profícua actividade na vela, no «basket-ball», no «tennis», no tiro reduzido e na fundamental ginástica. E tem, ainda organizada nas melhores bases, a sua secção cultural, de grande projecção e alcance sociais.

A vinte e nove anos de distância, o Sport Algés e Dafundo pode bem olhar o passado, cónscio de haver cumprido generosamente o seu dever.

Por isso Stadium, no momento do seu aniversário o saudou efusivamente, augurando-lhe, também, as maiores prosperidades.

ABREU TORRES

As comemorações do aniversário

DADA a impossibilidade de trazer até nós uma equipa estrangeira de categoria, o Algés organizou, mesmo com a «prata da casa», um programa de festas variado e interessante, que se começou a cumprir, no último domingo, às oito horas da manhã, com a alvorada e o içar da bandeira do Clube. As onze horas, disputou-se um animado desafio de «basket-ball», entre o Sport Algés e Dafundo e o Sporting Clube Vasco da Gama, vencendo o primeiro por 40-28, com 22-11 ao intervalo. Assistiu ao encontro o inspector da Direcção Geral dos Desportos, sr. Ayala Botto.

A abrir o programa, os jogadores do S. A. D. venceram os do Ateneu por 40-12.

A tarde, realizou-se um festival de natação inter-sócios, que teve a sua nota mais saliente na grande quantidade de nadadores e nadadoras da categoria iniciados. Arquivemos os respectivos vencedores:

66 metros-bruços, até 15 anos — Armando Rodrigues, 1 m. 04 s. 1/10; 66 metros-bruços, meninas — Margarida

Começou o Campeonato de Portugal

OS quatro clubes que disputam entre si a honra de conquistar o Campeonato Nacional, gastaram um domingo para nada, pois após estes jogos da primeira jornada ficaram todos na mesma... Dois encontros, dois empates — e esperemos pelo domingo seguinte para saber quais serão os finalistas, posição da qual se encontram ainda os quatro à mesma distância, apesar do primeiro assalto improficuo.

Analisando melhor as circunstâncias, talvez a igualdade não seja tão real como aparenta: temos a certeza de que os empates de domingo passado agradaram plenamente ao Sporting e ao Futebol Clube do Porto, ao passo que tiveram amargo sabor para o Unidos e Vilanovense. Estes, não souberam triunfar em sua casa e correm no domingo o perigo de uma aventureira deslocação.

O jogo do Sporting, no campo do Vilanovense, teve para os lisboetas a virtude de uma recuperação significativa de bom moral e confiança: depois de perderem por 1-3 conseguiram subir até ao empate a 4 bolas.

O caso do Futebol Clube do Porto, o outro grupo visitante, foi diferente, porque a equipa esteve sempre em igualdade ou com vantagem, que a dez minutos do fim se cifrava ainda por dois pontos; no crepúsculo do jogo cedeu terreno e consentiu o empate a 5 bolas, que foi o resultado definitivo.

O encontro entre os dois campeões não teve brilho; qualquer deles se empenhou com vontade, mas a forma global já não está tão apurada e não correspondeu ao que esperariam provavelmente, os escassos espectadores que compareceram no Lumiar.

De ambos, foi ainda o Futebol Clube do Porto aquêle que mostrou mais saber e boa disposição na urdida dos ataques; mas da

famosa eficiência da sua linha avançada restam algumas tentativas de Fábão e a realidade de Gomes, o mais perigoso dos jogadores portugueses, cuja recepção da bola na área é quasi sempre irregular e cujas atitudes e gritos causam, no indisciplinável ambiente de disciplina desportiva, péssima impressão.

No decurso do campeonato de Lisboa, cumprindo uma sugestão da Direcção Geral os árbitros receberam instruções para punir como jogo incorrecto o procedimento dos jogadores barulhentos e gritadores pela bola. A medida foi radical e o ambiente das partidas passou a ser coisa séria e disciplinada, como deve ser o verdadeiro desporto.

O Unidos está inferior ao que já foi; o seu avançado centro é praticamente improdutivo desde que adoptou o sistema de jogo em choque de peito com o defeza adversário e neste domingo falhou-lhe ainda o melhor trunfo, pois Miranda deu prova de má forma física... Pimenta e Maçara, com o reserva Restolho, foram os melhores elementos do grupo.

Começou também o Campeonato de juniores

Com a participação definitiva de três clubes, Belenenses, Marvilense e Sporting, de vários mais que foram anunciados como certos, principiou no passado domingo o Campeonato regional de juniores, jogando Belenenses e Sporting, que empataram a uma bola.

A Associação reduziu muito acertadamente, a duração dos encontros deste torneio para duas partes de vinte minutos e englobou a partida no programa do jogo para o campeonato nacional — outra medida acertada e supomos, maior atractiva para o reduzido público presente do que propriamente, o jogo principal.

Os rapazes de ambas as equipas houveram-se com brio e deram mostra de bom sentido de jogo, delineando combinações acertadas e mantendo ritmo sempre rápido e orientado ao ataque.

Pena foi que a direcção da partida não tivesse correspondido ao valor da pugna; o sr. Lampreia nunca carrilhou no justo critério de orientação de um jogo com as características melindrosas da categoria, deixou de início passar todas as faltas e deslocações quando mudou para o processo das explicações foi pior ainda, porque chegou a agir em contrário da determinação expressa dos regulamentos.

ESSECÊ

Pinto & Afonso L.^{da}

Com estabelecimento de pneus, câmaras, baterias, óleos, massas consistentes, valvulinas, esponjas e camurças, remendos a fogo, lampadas para automóveis, ferramentas, etc.



Aceitamos baterias para reconstruir e pneus para recauchutar

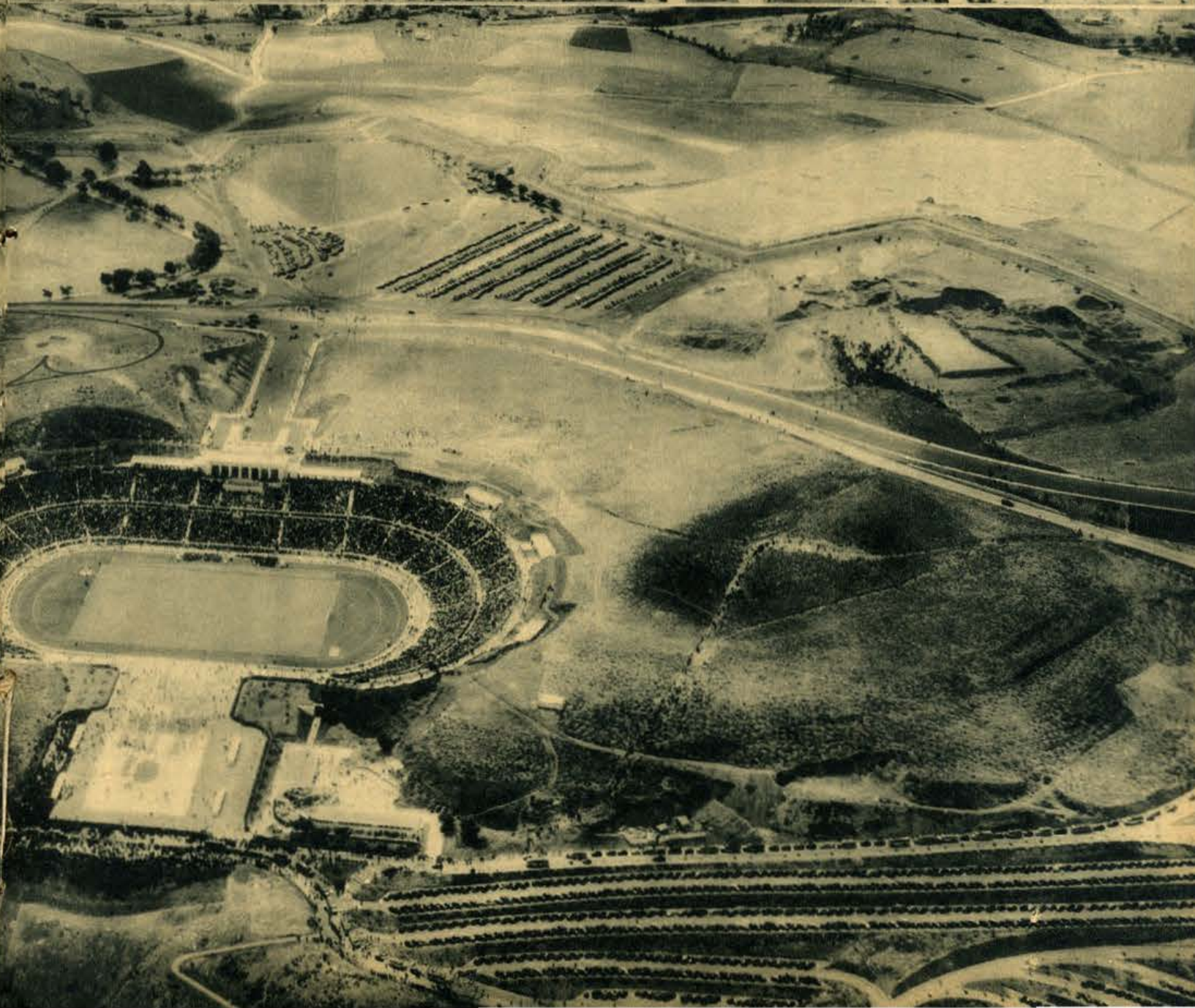
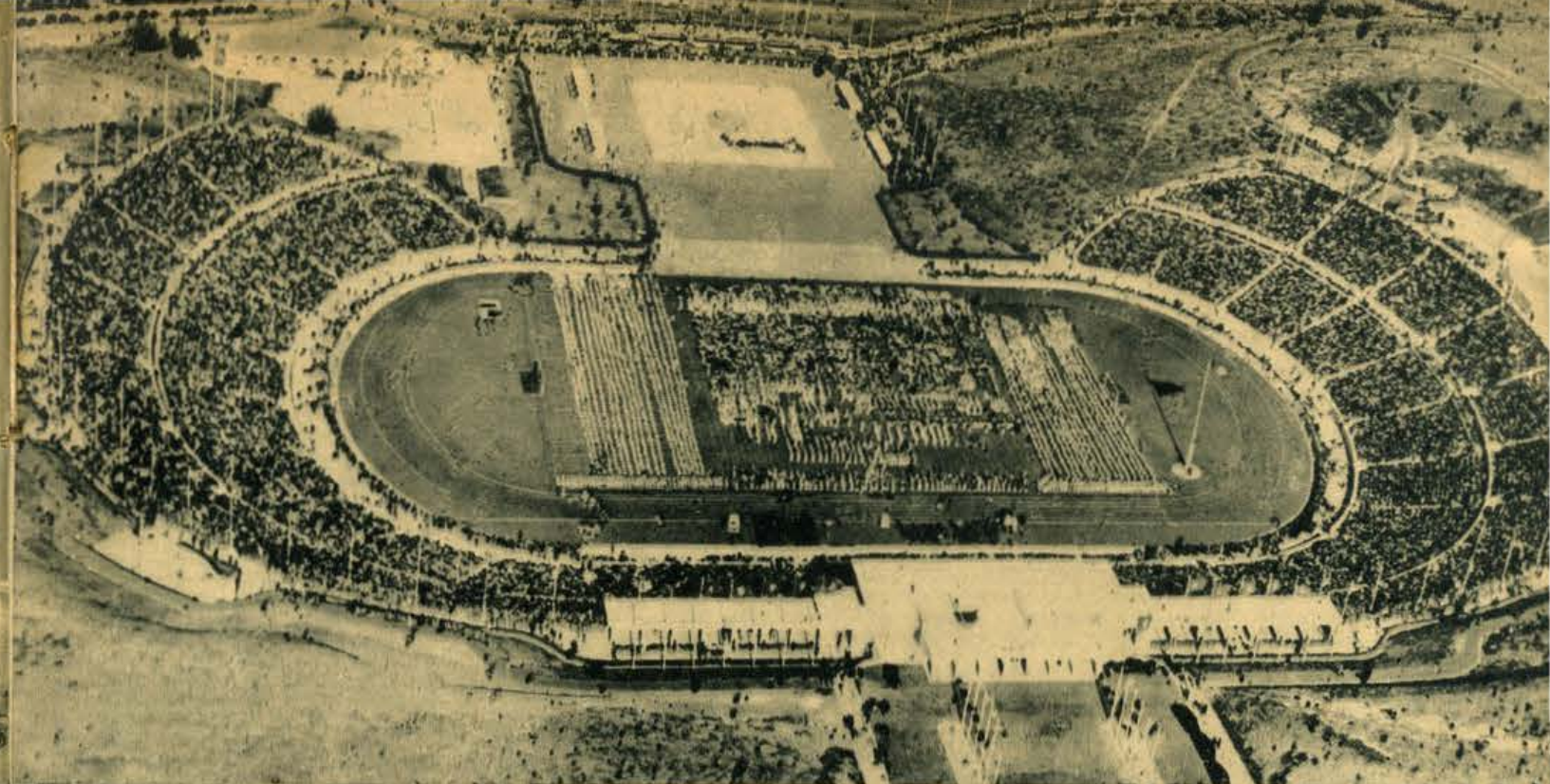
Compra-se toda e qualquer medida de pneus de sucata e «lonas»

Rua do Saco, 38 e 40 (ao Campo de Santana)

LISBOA — Telefone 41579

ESTÁDIO NACIONAL

O maior acontecimento desportivo português focado de bordo de um avião



O número especial que publicamos na passada semana foi um êxito sem precedentes. A tiragem que fizemos, apesar de bastante reforçada, esgotou-se por completo às primeiras horas da manhã. A reportagem gráfica que o acompanhava, embora o mais completa possível, não pôde contudo abranger diversos pormenores. Por isso inserimos hoje mais alguns clichés, proporcionando aos nossos leitores aspectos inéditos da grandiosa e inolvidável festa.

Nesta página apresentamos quatro surpreendentes fotografias aéreas, que devemos à cativante amabilidade do sr. tenente-aviador Mera, da base de Sintra, cujas audaciosas evoluções sobre o Estádio Nacional foram seguidas com interesse pelas oitenta mil pessoas que o enchiam por completo.

Em cima, à esquerda, vê-se a «Mocidade Portuguesa», ainda na Praça da Maratona, preparando-se para o grandioso desfile. Por baixo, após o mesmo desfile, observa-se a impecável formatura dos jovens ginastas no tapete relvado do campo. À direita, em cima, os desportistas, a F. N. A. T. e a «Mocidade» numa impressionante visão de conjunto. Em baixo, o grandioso aspecto oferecido pelo vale do Jamor, com o Estádio e a sua mancha imponente de espectadores, notando-se o curioso desenho dos parques de estacionamento, e pletos de automóveis, e que dá idéia da excelência dos serviços de regularização do trânsito na movimentada e inesquecível tarde!

(Ver mais fotografias nas págs. 12 e 13)

A Associação Naval em evidência nos Campeonatos Regionais de Velocidade

O remo anda, decididamente, em maré de pouca felicidade. A par do número limitadíssimo de regatas que se realizam em Lisboa — somente as que dizem respeito às provas oficiais — quando se adrega de promover uma regata há quasi sempre deficiências, percalços e negligências, que, no conjunto, prejudicam a propaganda e a expansão do remo.

Não nos cansamos de dizer que é necessário organizar competições particulares interclubes, como ponto de partida para um trabalho em profundidade de cada agremiação em particular. Isto, evidentemente, se se pretende progredir...

Há muita coisa na orçânica do remo que não está certa e precisa vassourada impiedosa, que a areje, refresque, actu lise.

A matéria é vasta, tendo muito por onde se lhe pegue. Simplesmente, o artigo em curso é para falar dos regionais de velocidade de domingo último, que tiveram por cenário o já tradicionalíssimo percurso da muralha da Junqueira.

Previo-se manhã triunfante para a modalidade. Afinal, nem a água, tocada por um nordeste aborrecido, nem a organização, ajudaram à consumação dessa ideia.

Aquela, prejudicou as regatas de «out-riggers» e para o fim, os próprios «yolles» já saíram com esfôço.

Esta, bastante, porém de outras similares e até de mais responsabilidade, levadas a efeito pelo Club Naval de Lisboa.

Frasava-se, e muito bem, que as largadas seriam dadas impreterivelmente às 10 horas.

Verificou-se, depois, o seguinte: às 10.25 fez-se a primeira largada, logo origem de um conflito que viria a ter repercussões na última prova, tirado o já pouco brilhantismo aos campeonatos.

Quanto a nós, houve má política da parte do juiz de partida e exagero e ausência de calma do lado da tripulação do C. N. L.

Elucidemos: a primeira regata era a de «yolles» de 4, sénior. A tripulação A do C. N. L. chegou mais tarde ao local da largada, por dificuldade de transporte.

Quando bateram as dez horas, o juiz de partida, se tinha a postos os demais concorrentes, dava-lhes ordem de largada. Mas não sucedeu assim. E só se decidiu a tomar essa deliberação quando a equipa do C. N. L. a somou a 200 metros da meta de partida, remando vigorosamente para ocupar o seu lugar ao lado dos adversários. Critério estranho.

Por seu turno, a referida tripulação, que tinha de participar da formação do «shell» de 8, que disputaria a última regata, deliberou, certamente como a nal de protesto, abandonar.

Outro ponto que nos parece indissolúvel focar: o excessivo número de corridas com um único participante. Dá uma nota de confrangimento e pobreza. Não haverá maneira de introduzir qualquer clausula nos regulamentos, que estabeleça, por exemplo, um número de 2 concorrentes para que uma prova se possa realizar?

Técnicamente, a jornada foi fraca. Ou nos enganamos muito, ou Lisboa, este ano, será suplantada em toda a linha pela provincia. Se o não for, tanto melhor...

A única regata boa, quer como competição própria dita, quer como demonstração de capacidade máxima das equipas, foi a de «yolles» de 4, junior.

A Associação Naval obteve uma vitória brilhantíssima, depois de, até aos 1.200 metros, ter vindo colocada em terceiro. A partir dessa altura, o ritmo de remada, muito certo, aumentou gradualmente de velocidade, começando desde logo a ganhar terreno. O Clube Naval estava à frente, foi ultrapassado depois pela G. D. C. U. F. e a seguir pela Associação. Aos 800 metros a luta estava circunscrita a estes dois, A C. U. F. chegou a ter três barcos de vantagem, mas a Associação, numa cadência, sem favor, impressionante, aproximou-se e a

50 metros da meta estava a par. As últimas remadas culminaram a emoção. Quando o «ou» do tiro, a A. N. L. tinha escassa meia prova de vantagem, — o suficiente para vencer e conquistar belamente um título.

Vamos dar os nomes dos vencedores dos Campeonatos Regionais de Velocidade de 1944. Antes, porém, um referência para a A. N. L. pela sua e plêndida minhã. A «velhinha» não descurou aos seus representantes e tem pelo menos a virtude de aparecer em todas — ou quasi todas — as provas. O Clube Naval está numa fase de renovação e no domingo, abstraindo da falta voluntária do seus remadores à corrida de «sh II de 8», só não se inscreveu numa corrida. Bom sintoma, que desejamos tenha continuação. Regular a embaixada do G. D. C. U. F. e sem margem para apreciação a equipa da G. D. C. P.

São, portanto, campeões:
«Yolle de 4, sénior: Associação Naval de Lisboa: Eurico Andrade, Henrique Rebelo, António Faria, António Correia, Pereira Dias (timoniro).

«Yolle de 8», principiante: Associação Naval de Lisboa: Joaquim Camargo, Mário Seran, Abilio Veiga, António Ochoa, J. Amado, H. Leite, A. Gonçalves, António Ferreira, João Santos (tim.).

«Out-Rigger» de 4, junior: Clube Naval de Lisboa: José Rezende, António Silva F. Jesus, E. Teófilo Magalhães, A. Pacheco (tim.).

«Yolle de 4, junior: Associação Naval: Oscar de Brito, J. Quiterio, Manuel Paulo, Jaime Leão, P. Dias (tim.).

«Out-Riggers» de 4, sénior: G. D. da C. P.: A. Carrão, Afrão, Lúcio Afonso Lopes, José Carvalho, J. Baptista, (tim.).

«Yolle de 4, principiante: Clube Naval de Lisboa: Henrique de Castro, Fernando Gonçalves, Armando Pires, Carlos Leal, Rogério Telles (tim.).

«Out-riggers» de 8, sénior: Associação Naval: José Pereira Lopes, Henrique Jardim, Artur Fronti, Mário Mourão, Eurico Andrade, Henrique Rebelo, António Faria, António Correia, P. Dias (tim.).

ARGONAUTA

Acontecimentos da Semana

ATLETISMO — O Académico, do Porto, organizou um torneio, de que saíram vencedores: Manuel Bizarro, 7 m. 1/2 em 60 m. e 10 m. no peso; António Viato, 32 s. 1/2 em 250 m. e 5 m. 70 em comprimento; S. Cortes, 1 m. 33 s. em 700 m.; José Macieira, 1 m. 75 em altura e Augusto Ruas, 25 m. 40 em disco.

BASKET-BALL — Principio a disputar-se o campeonato corporativo, zona de Lisboa.

— O G. D. Tabacos homenageou, com um banquete, os seus jogadores, campeões da III Divisão de Lisboa nas três categorias.

CICLISMO — Num festival que se efectuou no Porto (pista do Estádio do Lima) a equipa do F. C. do Porto ganhou a corrida de «uma hora à americana» e Fernando Moreira, do mesmo clube, venceu um «critérium» de velocidade, batendo Aniceto Bruno, Carvalho Marques, Manuel Pereira e Jerónimo Souto.

ESGRIMA — Principio ontem a disputa da taça «Jorge de Paiva», num torneio individual, à espada, promovido pela Federação Portuguesa de Egrima.

FUTEBOL — O Sporting da Foz de Sousa homenageou os seus jogadores com um banquete.

— O Valencia, já campeão da Liga, está apurado também para a final da «Taça de Espanha», com o vencedor do jogo Atlético de Bilbao-Artelico Aviacion, cujo desempate se efectua hoje em Barcelona ou Saragoça.

— O Barrial, de Santander, é o campeão de Espanha em «camadros».

— A Casa Regional de Ferreira do Zêzere prestou homenagem aos seus jogadores, numa festa que teve muita animação.

REMO — A tripulação da Companhia de Seguros «A Tranquilidade» (Júlio Rogério Handulf, João Laça, Domingos Rodrigues, Domingos Amorim e Paulo Garcia) ganhou o I campeonato de «yolles» de 4, entre empregados de seguros, dotado com a taça «Grémio dos Seguradores». Os outros trufes (taças «F. N. A. T.» e «S. N. Empregados de Seguros») foram ganhos, respectivamente, pelas tripulações das Companhias «Europas» e «Imperio». No final das regatas, cerca de cento e cinquenta pessoas, concorrentes, organizadores e convidados, reuniram-se num animado banquete.

TENIS DE MESA — Concluíram-se mais três campeonatos de Lisboa (individuais, masculino e feminino e de infantis), com vitórias, respectivamente, de Oliveira Ramos, Albertina Figueiredo e Atenas Comercial.

TIRO AO ALVO — Luis Howorth, do Banco Espírito

DESPORTOS DO «STICK»

POR um «goal» se perde e por um «go!» se ganha — podia ser o título a encimar esta crónica ligeira acerca das actividades dos desportos do «stick» na semana em curso. Porque, realmente, assim sucedeu: o Futebol Benfica perdeu um campeonato, que detinha há seis anos sem interrupção, pelo único «goal» que consentiu através do torneio; e o Benfica volta a figurar no quadro dos campeões pela mesma circunstância! Quere dizer: os «encarnados» ganharam mercê daquelle «goal»...

É curioso acentuar que nunca o Benfica havia triunfado do seu rival em jogo de competição oficializada; mas um tento apenas, bastou-lhe para destruir a lenda da invencibilidade dos benfiquistas, apedros do seu pedestal de seis anos de vitória consecutiva no torneio lisboense da modalidade. Mas, apesar de praticamente «arrumados», nem por isso a prova perdeu o interesse — que a repetição do jogo P. Benfica-Hockey apresenta, com efeito, o maior atractivo, visto o vencedor ter entrada certa no torneio da «Taça de Portugal».

Houve este ano mudança de titulares — tanto em Lisboa como no Porto; e talvez isso seja o reflexo da melhoria de situação (aparente?) no hockey em campo português. Em Lisboa ganhou o Benfica; e no Porto saiu triunfante o Boavista.

Importa pôr aqui a questão: estará realmente a jogar-se mais? Ou encontram-se em declínio os «tams» outrora mais bem apetrechados? Quere-nos parecer que sucedem as duas coisas ao mesmo tempo, como causa directa do abaixamento de valores de uns e da subida de cotação de outros.

Na outra especialidade do «hockey» (em patins) o Paço de Arcos continua a impôr-se. Cabe aqui a pergunta: conseguirá ir assim até final do campeonato? A situação é realmente difícil de manter — não só porque lhe moverão luta sem tréguas, para o desalojar da «torre de marfim» em que o Paço de Arcos se encerrou, como também há equipas que progredem a olhos vistos: referência, em especial, à Académica da Amadora e ao Hockey Clube de Sintra.

Seja como for, a verdade é que os campeonatos caminham com segurança para a conquista de novo título, olhos postos numa proeza que seria muitíssimo interessante, a verificar-se.

Na luta Lisboa-arredores, quem triunfará? De um lado temos Paço de Arcos, Académica da Amadora e H. C. Sintra; e do outro estão apenas os dois Benficus — ou talvez o Ateneu... Os restantes valem incomparavelmente menos, tanto o Campo de Ourique, mesmo assim uma equipa capacíssima de qualquer «surpresa», como o Taboços, condenado desde o principio à baixa de divisão.

Em suma — e é isso que interessa — em Lisboa e arredores está a jogar-se «mais» (ou melhor?) do que nos dois últimos anos.

JORGE MONTEIRO

GIL MOREIRA

Este nosso colega de redacção, durante o festival que se realizou no Estádio do Lumiar, foi vítima de uma queda infeliz, fracturando um pé, pelo que teve que ser hospitalizado em Santa Marta. Por esse motivo não podemos publicar hoje a costumada e atractiva crónica de ciclismo, fazendo votos por um pronto restabelecimento de Gil Moreira e pedindo desculpa aos leitores pela involuntária omissão.

Santo, obteve o melhor resultado (146/120) nas provas de desempate do torneio para a taça «Manuel Castelo Branco».

TIRO A CHUMBO — Nas provas do Sacavense, taças «José de Carvalho» e «Francisco da Silva Gama», saíram vencedores, respectivamente, o dr. Edmundo Martins e Carvalho Monteiro.

VELA — Entre tripulações dos centros especializados de Lisboa, Porto, Barreiro, Faro, Portimão e Viana do Castelo, disputaram-se os campeonatos de «sharpias» de 9 e 12 m da «Moçidade Portuguesa».

— João Calhau ganhou, numa regata que se fez no Porto, a taça «Comandante Ortis de Bettencourt».

A nossa série de Grandes Reportagens Gráficas

Como dissemos, durante o período de jejum do futebol «STADIUM» vai publicar

SEM AUMENTO DE PREÇO

em números sucessivos e a começar em data a anunciar brevemente, uma série de artigos de homenagem aos clubes que concorreram ao CAMPEONATO NACIONAL e «TAÇA DE PORTUGAL» durante a última época.

Estes artigos serão acompanhados de

UMA GRAVURA A CORES, FORMATO GRANDE

representando a correspondente equipa de honra de futebol.

Teremos, portanto, além de muitas outras gravuras, nada menos de 16 ESTAMPAS, acompanhadas de ENTREVISTAS e um pouco da HISTÓRIA DE CADA CLUBE, o que ficará constituindo uma coleção interessantíssima dos principais grupos nacionais, que todos os nossos leitores vão arquivar com interesse, pois «STADIUM» oferecer-lhes-á ainda

uma CAPA para encadernar.

A todos os interessados nesta curiosa documentação de 16 estampas pedimos que se inscrevam na nossa administração, tabacarias ou vendedores, e para a província nos nossos agentes.

Aos leitores que não são nossos assinantes:

Acceptam-se assinaturas especiais para esta série de 16 números. — Basta enviar à Administração da «STADIUM» a importância de 24\$00, para garantir a aquisição deste formidável documentário — com o seu copo feito expressamente.

Aos números agentes do continente, ilha e África pedimos que nos indiquem, com a possível antecipação, as quantidades que desejam receber.

CAMPEONATO NACIONAL

A derrota do Unidos — O «sistema» do Belenenses — Uma recepção que se impõe

A PURADO já há duas semanas o vencedor, nem por isso o campeonato nacional de basketball perdeu interesse.

Os encontro continuam a ser rijamente disputados, porque cada grupo deseja marcar a melhor posição possível.

Falta uma jornada para concluir a prova.

O Carnide tem já o título assegurado, como também o F. C. Porto será o último classificado.

Não podemos, nem o espaço nos permite, o desenvolvimento que pretendíamos dar aos factos que, na prova, mais notáveis se tornaram na última semana.

Todavia, fixemos, como sem dúvida sensacional, a derrota do Unidos, frente ao Belenenses.

Claro que a possibilidade estava dentro de todas as previsões; mas, em face do trabalho das duas turmas até agora produzido admitia-se como mais lógica a vitória do Unidos.

Afinal, a lógica demonstrou continuar a ser uma figura irreverente, muitíssimo irreverente, quando aplicada ao desporto...

Não houve nada a dizer da vitória dos Belenenses, senão que venceram.

O «caso» do Belenenses é curioso.

Ignoramos se os «azuis» seguirão uma «escola» preconcebida, tanto mais que há muito que não vemos jogar as categorias inferiores. Compreendemos, também, e sabemos-lo por experiência própria, que o basket deve ser jogado, fugindo tanto quanto possível ao contacto dos adversários.

O jogador português, viril másculo, mas leal, não recebe o choque, nem fuge ao embate. Nêle se sente bem até, satisfazendo exactamente o seu temperamento.

De resto, uma equipa adoptar ou não a norma do contacto pessoal, condenada pelos entendidos, depende também das características físicas dos seus componentes.

Compete ao árbitro, e essa missão é realmente difícil e ingrata, saber distinguir as «intencções» e os «momentos» em que o choque é inevitável.

O Belenenses joga, pois, dentro do estilo de «embate» e olhando para a corpulência dos seus jogadores, compreende-se que assim se-

ja... O que se torna indispensável é que todo o grupo tenha sempre presente que entre jogar ao «contacto pessoal», lealmente, e aproveitar o ensejo para prejudicar o antagonista, vai um abismo de diferença...

Voltemos pois ao prélio Unidos-Belenenses. Os unidistas, com «situação inicial favorável», foram suplantados pela energia extraordinária dos rapazes de Belém. Eles «encaram os dentes» e souberam explorar com oportunidade, que revela inteligência, alguma deslize técnico e táticos dos adversários. Em resumo: uma boa partida, rematada por uma boa vitória.

O Carnide retribuiu, com jurros, o amargo de boca sofrido no Porto, diante do Vasco da Gama. A contagem, 50-25, está, quanto a nós, certíssima. Como pormenor curioso, repare-se que no intervalo já a diferença era precisamente de metade: 24-12!

Realmente, o Carnide tirou uma boa desforra não pela circunstância de ter ganho, simplesmente, mas porque produziu uma das suas boas exhibições, própria de um grupo consciente, com personalidade e agora já aureolado por mais um título, muito seu, neste ano de 44...

A registrar, com satisfação, o regresso de João da Cruz, que embora bem substituído, durante o seu impedimento, tem uma classe positiva, aparte.

O Vasco da Gama acusou muito cedo fadiga, não podendo ombrear com a vel cidade dos caridenses. É possível que o calor tenha dado larga contribuição para o abaixamento permanente dos portuenses.

Na Invicta, o F. C. Porto «discutiu» denodadamente com o Conimbricense e impôs-lhe um empate de 36-36, o seu segundo bom resultado deste campeonato.

A última jornada engloba os seguintes prélios: Com bricense-Carnide, Vasco da Gama-Belenenses e Unidos-F. C. Porto.

Não fazemos previsões. Do que temos a certeza é que o regresso do Carnide a Lisboa não deixará de merecer dos desportistas da capital um acolhimento condigno de campeão, que é, autêntico, sem o favor de ninguém!

LANÇA MOREIRA

CICLISMO

O festival de domingo na pista do Lumiar

POUCO mais do que os resultados técnicos pudemos anotar no espectáculo de ciclismo efectuado no último domingo no Estádio do Lumiar.

Em relação às organizações anteriores, houve menos entusiasmo, pois as provas foram quasi todas disputadas por poucos corredores.

Que o programa incluía corridas de interesse, como de costume, não há dúvida. Especialmente a «americana» de independentes, que o Sangalhos ganhara no domingo anterior em competição com o Sporting e a Iluminante, oferecia expectativa, porque se tratava quasi de derimar uma questão de supremacia...

A falta, porém, de Martins e de Eduardo Lopes, dois dos melhores corredores, tirou-lhe grande parte dessa atracção, que desapareceu, então, totalmente, quando, em plena prova, o Sangalhos perdeu uma volta.

A isto se reunem as nossas impressões do espectáculo do último domingo, pelo que passamos, com ligeiros comentários, aos resultados verificados:

INICIADOS — Prova de eliminação — O vencedor José Camêlo de Oliveira, do Arroios, gastou 10 m. e 13 s. nas 11 voltas do percurso. Seguiram-se-lhe Santos Gonçalves, do Sangalhos e João Felipe dos Santos, do Sporting. Foram eliminados 6 concorrentes.

Prova de critério — Ganhou a corrida, triunfando nos três «sprints» que as 15 voltas comportavam, o sangalhesense Santos Gonçalves, em 10 m. e 12 s., somando 12 pontos. Foi 2.º, Camêlo de Oliveira (Arroios), e 3.º António Henriques (Apolo).

VETERANOS — 5 voltas. Gastando 3 m. e 20 s., o sportinguista Duarte Rosa Martins chegou primeiro, não deixando os seus créditos de campeão de Lisboa por mãos alheias. 2.º — José Rodrigues (Lusitano); 3.º Manuel Cruz (Arroios); 4.º Joaquim Dias, (Sporting); 5.º — António Madeira (Com atentes); 6.º — Matheus da Silva (Combatentes).

AMADORES — Critério de velocidade em 15 voltas — Não foi um corredor de velocidade que triunfou, Manuel Rocha, da Iluminante, é, todavia, um especialista e distinguiu-se do 2.º, Baptista Alves, do Sporting, gastando 10 m. e 47 s. Classificaram-se depois: 3.º — Jorge Carvalho, Combatentes; 4.º — Ernani Ribeiro; 5.º — Tavares da Silva, ambos do Lisgás.

«Americana» — A Iluminante teve uma vitória fácil, novamente, por intermédio de Manuel Rocha, coadjuvado por Amândio Monteiro. 2.º e 3.º Lisgás B e A, respectivamente; 4.º Iluminante B.

INDEPENDENTES — Corrida de perseguição, em 10 voltas. A Iluminante foi que manteve, até final, todos os os corredores. Mas quem ganhou, com pouca clareza, foi o Sporting (Aristides, Lourenço e Inacio), em 5m e 47 s.

2.º — Sangalhos; 3.º Iluminante.
INDEPENDENTES — «Americana»: Classificou-se-se a frente o Sporting, com as suas duas equipas B e A, seguido da Iluminante A e de Sangalhos. Este, por queda de Túlio, viu-se depressa afastado do 1.º lugar. A equipa venceu na era composta por Inácio e Mourão, que nas 96 voltas obtiveram 16 pontos.

TRIUNFE NA VIDA

ESTUDANDO INSTITUTO LUSITANO DE FORMAÇÃO EM CASA



RECORTE O COUPON

PEDINDO GRATIS

LIVRO DE 10.000

Nome _____

Morada _____

GUARDA-LIVROS

Envie 2400 em sellos para Porto e despache

Dr. Salazar Carreira

Na ordem de serviço do Commissariado Nacional da Mocidade Portuguesa, recentemente publicada, figura a nomeação do nosso companheiro de trabalho Dr. Salazar Carreira para o lugar de técnico desportivo, adjunto à Direcção dos Serviços de Educação Física e Desportos da referida Organização.

Salazar Carreira tem sido, verdadeiramente, um apóstolo do atletismo nacional, interessando-se, desde remota data, pelo progresso e desenvolvimento da Educação Física no nosso país. Não podemos, portanto, deixar de endereçar as nossas felicitações, tanto ao organismo que soube escolher o colaborador idóneo e reputado, como ao nomeado, pela oportunidade de magnífica que se lhe depara para prosseguir na acção constructiva que tem realizado,

Os Desportistas na inauguração do ESTÁDIO NACIONAL





Mais alguns aspectos do grandioso desfile: 1 — Os remadores; 2 — Alfredo Abrunhosa, vencedor de uma das provas de atletismo; 3 — As "basquetistas" do Belenenses; 4 — O prestigioso C. I. F.; 5 — Os atletas do Sporting; 6 — Os atletas do Benfica; 7 — Os nadadores do Algés e Dáfundo; 8 — A representação dos Caçadores; 9 — Os esgrimistas; 10 — Os tenistas; 11 — Belo frizo de gentis desportistas; 12 — O olimpico Manuel Dias; 13 — Desfile da F. N. A. T.

SEMANA A SEMANA

LETARGIAS...

ATLETISMO

O torneio da «Stadium» revelou a existência de um bom lote de jovens praticantes com qualidades apreciáveis para a prática do atletismo.

Comentários por EDUARDO SOARES

O F. C. Porto já não vai à Madeira?

Depois de termos anunciado o adiamento forçado da partida do F. C. Porto para a Madeira, demos como muito problemática a viagem do campeão português de futebol à «Pérola do Atlântico» por motivos diversos, aos quais aquela colectividade é estranha.

Hoje, quasi podemos garantir — isto no momento em que redigimos estas notas semanais — que a viagem está muito comprometida. As dificuldades são quasi insuperáveis e não nos admiramos que se verifique na realidade a confirmação absoluta da desistência por parte do F. C. Porto.

Pode ser, entretanto — o que seria também admissível — que tudo se aplane e a viagem venha a fazer-se...

Reforços para o F. C. Porto...

Depois de Octaviano, cuja presença na turma portuguesa é dada como certa, falase na vinda de dois elementos de outros tantos clubes da região de Aveiro: um médio centro de Lamas e um extremo esquerdo de certo agrupamento ainda não definido.

...e para «Os Belenenses»...

Os azuleiros de Lisboa também estão a procurar reforçar o seu «coz» principal. Um nosso informador indica-nos que Armando e Acácio, da Académica de Coimbra, defenderão, na próxima época, as cores do grupo de Belém. Damos esta notícia a título meramente informativo, pois não obtivemos confirmação dela de qualquer origem.

As nossas iniciativas

Os resultados obtidos com o nosso torneio de «estrestes», realizado no Estádio do Lima, por gentil deferência da direcção do Académico, foram extremamente lisonjeiros. Há quem pretenda que a Stadium contine nessa esteira, não apociosamente iniciada, falando-se num outro torneio atlético, que a fazer-se, despertará interesse invulgar. Neste assunto, tera a palavra o nosso camarada Eduardo Soares, que se saia com todo o brilho da primeira organização.

«Os G-litos da Foz» organizam...

Infelizmente, os Galitos da Foz trabalha na preparação de três provas de natção no mar. Duas são já conhecidas: a «Meia Milha» e a «Milha». Esta época pretende mesmo uma inovação: a prova Leixões-Douro, no percurso de 3 milhas marítimas.

O simpático clube de S. João da Foz-do-Douro dirigiu-se a várias entidades a solicitar a sua colaboração, por forma a dar todo o brilho possível às suas organizações.

Stadium, fiel à sua divisa, desde já fica ao dispor dos Galitos da Foz — que m. destamente, sem espaventes, tanto se tem feito pela causa da natção.

E de esperar que os nossos nadadores, quer do Porto, quer de Lisboa e Aveiro, assim como de Viana, Figueira-da-Foz e outras terras da beira-mar, acorram com a sua inscrição, por forma a que o número de concorrentes esteja de acordo com a organização.

A prova Leixões-Douro, pela sua novidade, merece o aplauso de todos, sendo de prever que aqui, principalmente, tomem parte os nossos «axes» da natção.

O Feminino Atlético Clube dissolveu-se!

Sabíamos que qualquer coisa de muito grave se passava no F. A. C. A meia vov, corria o boato de que o simpático agrupamento desportivo feminino português ia dar por finta a sua missão.

Quisemos não acreditar. Pretendemos mesmo não dar ouvidos ao que se dizia. Mas, de choque, a notícia da convocação da assembleia geral surgiu na imprensa diária, dando mais consistência aos boatos.

O facto consumou-se. Na reunião das associadas do Feminino A. C., fracamente concorrida, expostas as razões da direcção, foi resolvido dissolver-se o clube.

Motivos? As nossas informações, obtidas em fonte que reputamos de toda a confiança, fundamentam o facto numa crise de dirigentes.

O F. A. C. vivia, há muito, do esforço e dedicação de uma sua associada. Não vale a pena referir-lhe o nome. É sobejamente conhecido. Essa pessoa vai retirar de Portugal em meados do próximo mês. Parece que ninguém quis resignar-se a fazer face aos encargos que até então estiveram ao cuidado dessa dirigente, a qual teve de suportar todo o passivo, ficando o activo, constituído pelas tapas e trofeus, em seu poder.

Assim, após 8 anos de grandes serviços prestados à causa do desporto feminino nacional, o F. A. C. deu por finta a sua missão, mas não a sua glória. É certo que fechou as suas actividades com cheiro de ouro — o saíu comemorativo do seu 8.º aniversário, que mereceu os mais rasgados elogios.

Sentimos deveras a resolução tomada, que representa um grande passo à rectificação na causa da educação física da mulher portuguesa.

Quando se recuperará o terreno perdido?

O Estádio do Lima ficará para o Académico em que condições?

Chegaram a bom termo — parece — as negociações feitas para que o Estádio do Lima não desaparecesse. Mais: ficará, salvo incidente de maior, nas mãos de quem o transformou no que é: o Académico. Mas, agora, surge uma pergunta: em que condições? Os terrenos e edifícios que constituem a propriedade actualmente alugada ao Académico devem ter custado à Câmara alguns milhares de contos.

Querá a nossa edilidade receber, em aluguer, qual-

As nossas modalidades desportivas têm, por vezes, épocas de inação.

Parte destas modalidades aparecerem, atingem certo grau de desenvolvimento, mais ou menos rápido, mais ou menos perfeito, e, em seguida, cristalizam, definham lentamente numa consunção que aborrec todas as energias, a caminho de um aniquilamento prematuro.

Vários são os casos a demonstrar que é assim.

Mas outros há em que essas crises — chamamos-lhe desta maneira — são intermitentes, quasi em períodos certos, a corresponder a épocas de vitalidade e de progresso. O ciclismo é uma indicação desta espécie de letargias, já por várias vezes tem sofrido épocas de actualização im-
perfeita, para mais tarde ressurgir das cinzas de um passado brilhante. Mas o ciclismo é um desporto com público mais ou menos certo; posto é que o não divorciem das organizações.

Mas noutras o marasma mantém-se. Exemplo do remo, da natção, do ténis de mesa, do rugby, e até do atletismo. Razões diversas, motivos múltiplos conduzem a esta situação. Uma falta de dirigentes, outras por falta de praticantes, outras pela dispersão de actividades — consequência de má orientação.

Dessas crises, mais ou menos duradouras, ficam consequências de tal ou qual profundidade, de difícil remédio umas, de cura simples algumas.

Estas dificuldades evidenciam-se especialmente quando a época da sua prática aparece. Começa então a notar-se que esta ou aquela modalidade ainda não iniciou o trabalho oficial, muito embora os clubes ou os indivíduos se dêem à sua cultura. Recomposição completa? Talvez. Nada nos força a não acreditar. Mas, como qualquer organismo físico que de certo mal se recente por longo tempo, muito embora a cura seja mais ou menos assegurada, também as modalidades — que são um produto do esforço do homem, admitimos — accusam o toque de um período de mau trabalho, de abandono.

Vejam, nos últimos anos, o que de actividades desportivas — falamos pelo Porto — têm estado paradas, quasi paradas... ou mal paradas...

O atletismo, que vive do esforço dos seus praticantes e dos seus colectivos; a natção, que quasi nada, ou pouco mais do que nada, tem feito; o rugby, que deixou de ser jogado e praticado há anos; o ténis de mesa, que depois de uma época muito entusiasmada declinou; o «handball», com administração irregular sob o aspecto desportivo, com campeonatos em acção e com excessos para resolver; o remo, em que a falta de praticantes se acentua de ano para ano, etc.

Letargias desportivas, com o seu estendal de influências nefastas sobre o desporto em geral. Tempo perdido, de recuperação difícil, para não dizer impossível. O remédio é quasi único: é uma presença que serve para todos, neste aspecto especial e fundamental da questão: acção, acção e mais acção!

Se há modalidades que têm tido a sorte de encontrar quem as sirva com dedicação e vontade, outras há em que essas condições e dedicações, tão semelhantes e por vezes entre si, têm resultados diferentes e extraordinários. Acentua-se a crise. Os dirigentes faltam; há agora dificuldade maior em os angariar; a seguir as urtigas, canceiras, desgostos e queixilas de toda a ordem. É preciso certo esotismo e forte dose de optimismo para se dirigir qualquer modalidade.

Entretanto, as modalidades de verão, como algumas de inverno, continuam paradas.

Todas, mais umas do que outras, esperam o seu momento — o momento em que a dirigis-lhe haja alguém com conhecimentos gerais.

É este caso especial de tantas das nossas actividades desportivas.

Mas, enfraquecimento, o desinteresse, a má prática e a deficiente qualidade dos seus praticantes mantêm-nos, pondo o pávio naquelas que olham o desporto a direito, sem lentas que aumentem ou diminuam o campo de acção próprio.

Os homens fazem as modalidades; elas serão e valerão aquilo que for ou valer quem as comanda e orienta. Ainda há bons dirigentes; aproveitem-se, antes que as modalidades se dispersem no nada.

A letargia não será permanente; estojamos todos aptos a trabalhar, quando essa torpor acabar. E no aproveitamento da lição do passado — aprendamos de cór a lição do futuro...

MÁRIO AFONSO

quer coisa que esteja em relação com o rendimento do capital imobilizado?

Se assim for, a renda anual que o Académico paga — 4 contos — não deve atingir essa cifra. Mas a verdade é que o clube não pode suportar qualquer aumento de despesa, tanto mais que a conservação dos terrenos e predios lhe custa uma boa soma por ano. O que passará sobre isto a nossa Câmara? Ver-se-á. O Académico, de novo, braços com um problema novo, depois de ter conseguido a solução do transaccão?

Não razões a ponderar e a resolver, num acordo amigável entre as partes interessadas no assunto, devendo ter-se em atenção que o Município português, ao adquirir os imóveis a que nos referimos, fez-o, certamente, levado pela bela ideia de servir a cidade e, não para realizar uma operação financeira de pingues lucros.

É muito natural que todos estes casos tenham sido estudados por quem de direito. Mas nós, entretanto, vamos recordando o assunto, para que tudo se faça e efectue dentro da máxima harmonia e sem prejuízo de ninguém, em especial do Académico, posto que lá empregou somas avultadas — que não devem ser perdidas ou diminuídas.

COMO dissemos na última semana, o torneio que a «Stadium» levou a efeito na capital do Norte serviu admiravelmente para demonstrar que, apesar de tudo, se está a operar a renovação da população praticante, sem a qual nenhuma modalidade desportiva poderá progredir. A pressa na pista do Lima de algumas dezenas de jovens atletas, que demonstraram de maneira inconfundível qualidades naturais pouco vulgares e dignas de estudo, garantiram-nos que não será por falta de praticantes que o atletismo português deixará de existir; e garantiram-nos mais — que não é por falta dos mesmos que a modalidade se encontra na triste situação que no momento tem...

Revelaram-se, na verdade, neste nosso torneio, alguns jovens que são dignos de auxílio técnico capaz de lhes proporcionar rendimento compatível com as condições próprias tão claramente patenteada. Pode mesmo dizer-se que poucas vezes o atletismo nacional depois, como agora, de tão esperançoso lote de «estrestes» — que estaria ainda sem se revelar se não fora a nossa iniciativa... O que é preciso, pois, é que a situação da A. P. A. se solucione definitivamente e que os dirigentes se disponham a trabalhar, para que esses futuros valores se não percam.

Falemos dos jovens que estiveram em acção no nosso torneio e lhe imprimiram ambiente de franca beleza e de razoável e prometedora qualidade técnica.

Eloy Costa Pereira venceu nos 250 metros com 33 s. 8/10 — em corrida feita perfeitamente a vontade —, classificou-se em primeiro no salto em altura, com 1,60 m., e ficou segundo nos 60 metros, com 12 s. 8/10. Estes resultados são bastante elucidativos, sobretudo sabendo-se que se trata de um jovem a valer-se de qualidades naturais invulgares, tanto para a corrida como para o salto em altura. Dispondo de boa velocidade e mostrando possuir a noção do estilo geral da corrida, Eloy Pereira pode ser dos nossos melhores corredores de velocidade prolongada. Devemos por vezes a lição de um Matos Fernandes — evidentemente em embrião...

Contudo, para quem começa, os seus defeitos não são de molde a que se afirme que vai ser difícil a sua «educação» técnica. É até de apreciar a sua intuição para a corrida. Se tiver clara intuição preparação ginecística e treinar com assiduidade, não hesitemos em afirmar que será dos nossos campeões mais famosos. Mas é no salto em altura que mais gostamos de o ver, embora esteja ainda longe de possuir a noção do estilo — e compreendese-se que este seja mais difícil de ser assimilado atendendo a que se trata de um concurso. Os seus saltos são feitos à base de elasticidade muscular raríssima — e nada mais. Onde poderá ir este rapaz se um dia conseguir o estilo apropriado às suas excelentes condições físicas? Deve dizer-se que Eloy Costa Pereira «limpou» todas as alturas até 1,60 m., e que só não passou 1,74 porque não teve talento para «esfurar» a mão quando todo o corpo tinha já transposto a barra. Por tudo, será a melhor prova de que este jovem atleta se não dispunha a estudar convenientemente o estilo que mais lhe contém — ainda que com prejuízo da corrida — e o faça com entusiasmo, persistência e grande força de vontade. Se assim suceder, o atletismo nacional terá nele um saltador de verdadeira classe. Mas recamos que o complicado estudo do salto o venha a aborrecer e que fuja, por isso, à acção alheia, que aliado ao estudo, nos mostra claramente salutar. Está Eloy Costa Pereira disposto a aproveitar as suas raras e invejáveis qualidades para o salto em altura? A isto só o próprio atleta poderá responder... Seria uma pena que se perdessem um praticante com as suas excelentes qualidades! O salto em altura exige muito treino, muito estudo e muito sacrifício. Mas as suas condições físicas merecem todo isso. Prepare-se, estude — e verá como um dia nos agradecerá o conselho!

Alfredo Serrano é outro jovem que nos promete futuro esperançoso e que revela intuição para o salto em altura. Como raro, a vitória se tem visto em atletas portugueses. Dos três únicos saltos que executou, dois andaram à roda dos 6 metros — ficou classificado com 5,99 m., e um terceiro valeu 6,20 m., mas foi anulado por uma leve falta na tábua de chamada. Mas, melhor do que as suas «marcas», foi a intuição que revelou para o salto, a facilidade com que fez a elevação, o seu estilo em geral. Isto é: está ali um diamante em bruto... Caso idêntico, portanto, ao de Eloy Costa Pereira. Falta saber se Alfredo Serrano estará também disposto a trabalhar convenientemente, para que das suas qualidades naturais se obtenha o rendimento logico. Muito rápido a correr, elevando-se com facilidade pouco vulgar, falta-lhe até a coordenação o equilíbrio com a impulsão e elevação, e, durante esta, saber executar a mecânica do salto. Sente-se que e até ali um admirável saltador em comprimento — mas isto não basta para que as suas «marcas» sejam na verdade brilhantes. O estudo e o treino — e só estes — poderão dar-lhe as possibilidades para tirar o merecido rendimento das suas condições naturais. É preciso que disto se convença Alfredo Serrano — que além de saltador é também um corredor de velocidade apreciável, como demonstra o seu tempo nos 60 metros: 7 s. e 0/10.

Mas outros atletas mais merecem referência especial, pelas inconfundíveis qualidades que revelaram.

Em velocidade pura, Domingos Casimiro, Fernando Portela são na realidade duas promessas. O primeiro corre contra o vento e apresenta um trabalho de braços muito deficiente, mas a sua «rapidez» merece ser aproveitada; o segundo é lento a partir e parece-nos que a sua prova está na velocidade prolongada. Fernando Correia e Jorge Fernandes, dois jovens corredores de velocidade que merecem igualmente estudo.

Abel Gonçalves foi bom vencedor dos 200 metros. Impressionou-nos agradavelmente a ligeireza da sua passada e a maneira inteligente com se soube conduzir durante toda a corrida. Trata-se de um rapaz muito jovem ainda, a quem a competição aturada não é, por enquanto, de aconselhar. Corredor de tipo franzino, leve e com fa-

A discutível desistência de Raúl Oliveira e a banalidade dos restantes combates da sessão

Comentários de Rafael Barradas

A homenagem que o Benfica vai prestar aos jogadores de ontem, de hoje e de amanhã, por iniciativa do nosso prezado colega «Sport Lisboa e Benfica», foi já marcada para a primeira quinzena de Junho próximo. Vai, certamente, ser uma grandiosa manifestação de vitalidade, por parte do popular clube. É de facto bonito, a 40.º anos da sua fundação, festejar no mesmo tempo três gerações de jogadores de futebol — a que jêz o clube no passado, a que o tem feito brilhar no presente e aquela que pode ser garantia de um futuro ainda melhor.

An. tamos, entretanto, que, tendo a homenagem por base o «team» que bat u, em 1911, mestres ingleses de Carcavelos, se ventitou, em direcção do Benfica, a possibilidade de incluir t mbem os jogadores de 1906-1907, como vencedores dos primeiros trofeus ganhos pelo clube. É de natural que seja assim. Com um pouco de boa vontade, podem chegar ao «team» de 1906. Era mais completa. E não deixaria de ser igualmente justa.

O nosso prezado colega «R. d'Alto» aproveitou a inauguração do Estádio Nacional para um concurso interessante — com vista a premiar o jogador que marcasse o primeiro «goal» no grandioso Estádio Marquês de Pombal. É mais um título para a sua galeria de honra.

COUBE ao Sporting Club de Portugal ganhar idas as taças postas em disputa no jogo de futebol com o Benfica, seu velho rival de outras tardes de glória, no dia da inauguração do Estádio Nacional.

Siquis um partidário do popular clube, o Benfica ficou apenas com uma recordação — a de ter feito um gra-de jogo. Não chegou para ganhar. Mas bastou para marcar o seu valor — e presença. Foram dignos um do outro — pela maneira como se bateram.

Foi t rnaada publica a realização de um torneio de preparação para pugilistas amadores, organizado pela Associação de Pugilismo de Lisboa.

Será desta vez?

A regra «edônica» de Berlingas constituiu uma proeza de rebo — quanto à organização e à forma como foi disputada. Procu-se de novo a viabilidade das regras de alto m r. As dificuldades de percurso não intimidaram as tripulações. Transfiram todos os barcos — mesmo os que perderam. Trabalhou-se com vista ao futuro.

É apenas lamentável que o «Tupys» tenha sido deixado de lado, a favor do «Bibuna» por um benéfico incidente de largada. Mas... Dura lex sed lex...

ENTRÁMOS no desfo do futebol. Começam a trabalhar os secretários...

clidade de movimentos pouco vulgar, Abel Gonçalves tem todas as condições para brilhar nas provas de meio-fundo. O seu «tempo» nos 700 metros — 1 m. 57 s. 4/10 — é deveras interessante e já dá alguma coisa. Contudo, o seu futuro está dependente da maneira como orientar a preparação. Se esta, nos três anos mais próximos, visar unicamente o desenvolvimento progressivo e cauteloso das qualidades naturais reveladas, Abel Gonçalves poderá ser alguém no atletismo português; mas se, pelo contrário, a ilusão do campeonato o tentiar, teremos um valor perdido. Na sua idade, todas as cautelas são poucas... E seria de lamentar ver perder-se ingloriamente um atleta tão promissor.

João Ramos Carvalho, Manuel Silva Santos e Armando Leão, constituem, também, um grupo «esperançoso» de corredores de meio fundo. Todos eles mostraram «disposição» para a especialidade.

João Dias foi, depois de Eloy Costa Pereira, o saltador em altura que melhor impressão nos deixou. Boa elevação, a par de estilo nato que merece ser aproveitado e corrigido. As suas qualidades revelaram-se apreciáveis.

Nos lançadores, Fernando Ferreira saltou-se dos restantes e obteve no disco «marca» muito razoável para estrangeiros: 29,25 m. E se dissermos que esta distância foi atingida sem qualquer pormenor técnico de evidência, melhor conclusão se tira do muito que este rapaz poderá conseguir quando estiver convenientemente preparado. Alfredo Serrano também se saltou no «pêso» mas não o julgamos capaz, nesta especialidade, dos mesmos cometimentos apontados para o seu futuro de saltador em comprimento. Contudo, mostra possibilidades de melhorar a marca actual.

Orlando Pereira e Augusto Oliveira são lançadores a aproveitar.

Em síntese: o torneio da «Stadium» garantiu-nos a

SEMPRE que um pugilista profissional abandone o combate «erá proclamado vencido por knockout», independentemente das penalidades que venham a ser-lhe aplicadas se os motivos do seu abandono não forem justificados.

Esta doutrina não é recente nem extraordinária; traduz a exigência, bem compreensível, de obrigar um jogador a bater-se enquanto tiver recursos para tanto.

De facto, para que certo pugilista desista de continuar o combate em que está empenhado, é preciso que apareça um motivo sério: ou, fisicamente, a sua inferioridade é manifesta e a saúde periga, ou o jogador entende que a arbitragem, a atitude da assistência, etc., são francamente facciosas em seu detrimento. Ainda, nesta segunda hipótese, há que avaliar até que ponto a influência da arbitragem, do público, etc., pode agravar o curso dos acontecimentos, falseando o carácter desportivo da prova. Felizmente, este caso é muito raro e fora da discussão.

Na primeira hipótese, a que por hoje nos interessa, tem o árbitro a palavra antes de mais alguém, se as causas forem aparentes e indiscutíveis, suspendendo o combate. Tratando-se de sofrimentos tipicamente subjectivos, isto é, sem qualquer manifestação exterior, compete ao pugilista, ou ao auxiliar principal do mesmo, pôr fim à luta. Os médicos, por sua vez, darão o seu parecer, procurando-se, sempre, em ontrar a justificação do abandono.

Todos estes considerandos vêm a propósito da inesperada figura que o pugilista Raúl de Oliveira, pêso leve, fez na sessão de 14 do corrente, no Parque Mayer. Batido por pontos, mas não abalado e abito; vigoroso,

NÃO queremos deixar sem registo, e sem aplauso, a concessão de uma ampla amnistia, pelo r Ministro da Educação, para comemorar a inauguração do Estádio Nacional. Apenas ficaram de fora as penas de irradiação. Foi um acto de clemência aplicado na altura própria.

Bem haja o senhor Ministro por esse acto.

PASSOU há dias o aniversário da fundação do Ateneu Comercial de Lisboa. Já lá vão 64 anos e o velho Ateneu parece cada vez mais novo no esforço pôto em argo para a Educação moral, social, técnica e desportiva dos seus sócios.

O Ateneu desenvolve uma obra absolutamente notável em vários aspectos. Todos os elogios são poucos. Nunca lhe registámos os nossos. E juntamos agora, aos nossos votos de larga prosperidade, as nossas melhores felicitações pelo aniversário.

existência de esperanças e jovens praticantes, que dentro de duas ou três épocas poderão ser «estrelas» do firmamento do atletismo nacional.

Uma sensacional notícia para o atletismo português

Quando da nossa visita a Lisboa, por ocasião das festas de inauguração do Estádio Nacional, tivemos o prazer de a hora de conversar algum tempo com o sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, ilustre Director Geral dos Desportos, merecedor da gentil apresentação dos nossos queridos camaradas dr. Salazar Carreira e Avelar Machado. E, como é natural, falou-se do atletismo português e da sua actual situação, em breve troca de impressões, onde o jornalista pôde colher a notícia que vai encher de satisfação todos quantos, na nossa terra, se interessam ainda pela modalidade.

Segundo nos disse o sr. Director Geral dos Desportos, vai ser aberto nesta cidade um curso de treinadores, dirigido pelo nosso camarada dr. Salazar Carreira, que para esse fim se encontrará durante a meses entre nós. Grande iniciativa, esta, com que muito vai lucrar o atletismo português. Os prelosos ensinamentos de Mestre Salazar Carreira vão servir maravilhosamente para resolver um dos problemas mais urgentes na modalidade.

Também o sr. Director Geral dos Desportos se mostrou interessado em resolver definitivamente o estado em que o atletismo português se encontra — e que se arrasta há duas épocas.

Por tudo, pois, nesta breve e honrosa palestra que o sr. Director Geral nos concedeu, o jornalista teve bela oportunidade de registar, em primeira mão, duas notícias verdadeiramente sensacionais. Regojamo-nos, porque o atletismo norteano está a merecer o carinho e o estudo das entidades competentes.

embora sentido o efeito dos golpes do contrário; sem feridas, luxação ou fracturas; sem dores internas, etc., em resumo, plenamente capaz de se bater o resto do assalto e o seguinte, vindo-o levantar a mão, em sinal de abandono, dando provas de pouca firmeza de ânimo, reduzida desportividade e pouco brío profissional.

Nun jogador com tão evidentes qualidades físicas, é lamentável o modo como procedeu. O seu gesto não pode ser, de modo nenhum, desculpável. Tratando-se de um amador, a sua falta teria carácter antidesportivo típico e infamável; sendo um profissional adquire aspecto peculiar, relativo ao público, ao organizador, etc.

O árbitro deste combate (Oliveira contra Martins) pecou por indecisão. Mais uma vez lamentamos ter de criticar o procedimento do terceiro homem no ring. Devia ter-se recusado a aceitar a desistência e devia contar os dez segundos, se Oliveira teimasse em não continuar, solicitando a observação médica do pugilista. Essa, aliás, efectuou-se, mas não por iniciativa do árbitro. Diga-se de p ssagem, porém, que Raúl de Oliveira declarou não precisar da assistência clínica, por não se encontrar sofrendo.

Posto isto, vamos analisar o espectáculo. Em primeiro lugar, embora com atractivos de qualidade, a maioria dos jogadores do cartaz é por demais conhecida. São homens para figurar nos combates preliminares — não para preencher um programa.

Esgrimem pouco e suprem essa deficiência batalhando. É certo que este género satisfaz, perfeitamente, grande parte do público: aquelas pessoas quasi sádicas, que há em toda a parte, e que vio ver jogar o boxe pelo prazer idiota do sangue e da pancadaria. Para nós, tal género de espectáculo tem pouco merecimento e só apreciamos o jogo pelo seu laço académico, brilhante e inteligente, ainda que acompanhado da inevitável dureza. Guilherme Martins (61 Kg) desiludiu-nos um pouco. Logo no primeiro assalto deixou que Oliveira procurasse e obtivesse o corpo-a-corpo, com frequência. Em seguida, pelo movimento rotativo da cabeça, transformava simples golpes ao ouvido em sôos à nuca, que eram prejudiciais ao seu antagonista. Acertou dois sôos fortes, que Oliveira pareceu sentir.

No 2.º e 3.º round, a luta continuou vantajosa para Guilherme Martins, sem que tenha procurado espremer a distância com directos da esquerda, como lhe convinha.

No 4.º e 5.º assalto, Oliveira fez os pontos perdidos e Martins parecia fatigado, de nunciar as direitas ao tronco, que procurava com demasiada insistência.

No 6.º assalto, Ma tins volta ao ataque com directos no queixo, que o adversário encaixa bem. A vantagem de Martins accentua-se no assalto seguinte até que, num canto, Oliveira levanta a mão em sinal de abandono, depois de sofrer dois sôos, na cara e no tronco.

Os restantes combates da noite não merecem largo comentário. O melhor foi o primeiro, entre Alberto Afonso (56,5 Kg) e Henrique Chancela (58,5 Kg) que teve momentos de grande dureza e fraca esgrima. Venceu Afonso, sem discussão, por pontos, após 4 rounds.

Eduardo Alves (58,3 Kg) e Ja k Freitas (59 Kg) fizeram um en-ontra sem brilho, lento e preenchido com irregularidades: agarrando-se e batendo, principalmente Alves, que venceu por pontos no 4.º round.

O espanhol Isasti (65 Kg) derrotou Fausto Sem do (61 Kg) por uma leve diferença — mas o árbitro proclamou o empate. Assim, ao 2.º round, atirou ao solo, com um golpe da direita, o seu adversário, que se levantou em seguida.

Rebordão fez match nulo com Mateus, igualmente em oito assaltos. Rebordão perseguiu o antagonista durante quasi todo o combate, mas jogou demasiado contraído e não aproveitou da sua superioridade física. No fim do combate pareceu-nos que obtivera uma vantagem ligeira, mas clara; a decisão, no entanto, não foi escandalosa.



Concurso Hípico Internacional

1 — Correla Barrento, no «Raso», vencedor da prova «Secretariado da Propaganda Nacional» (*omnium*); 2 — Aspecto da assistência entre a qual se vê o sr. Embaixador de Espanha; 3 — grupo dos concorrentes à prova de domingo



Campeonatos Regionais de Remo

1 — A tripulação da A. N. L. vencedora em «yolles» de 8, principiantes; 2 — Aspecto da prova de «yolles» de 4, seniores, ganha pela A. N. L.; 5 — Na mesma prova, quando o C. N. L. desfrutava ainda vantagem

